

Artigo recebido em:
26.07.2020
Aprovado em:
10.08.2020

Posições concedidas e interditas para as vozes de classes populares no discurso jornalístico

Rafael Rangel Winch

Doutorando em Jornalismo pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista FAPESC/CAPES.

E-mail: rangelrafael16@hotmail.com

Daiane Bertasso

Professora no Departamento de Jornalismo da UFSC e no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC. Pesquisadora do TRANSVERSO: estudos em jornalismo, interesse público e crítica (UFSC).

E-mail: daianebertasso@gmail.com

Rafael Rangel Winch
Daiane Bertasso

Resumo

O artigo discute como o discurso jornalístico valoriza as vozes das fontes de classes populares, concedendo e interditando determinadas posições para esses sujeitos. Parte-se do entendimento de que ao visibilizar temas, acontecimentos e problemáticas, o jornalismo estabelece previamente papéis e lugares para sujeitos e grupos sociais. A análise de uma reportagem televisiva do programa *Caminhos da Reportagem (TV Brasil)* mostra que o discurso jornalístico situa as vozes das fontes de classes populares em posições de descrição, lamentação e ilustração em detrimento de posições de opinião, saber e proposição. Os resultados sinalizam a necessidade de um jornalismo que se propõe público, independente e democrático, repensar os modos de valoração das vozes de suas fontes, desnaturalizando lugares cristalizados nos imaginários jornalístico e social que apenas reiteram o *status quo*.

Palavras-chave: Jornalismo. Vozes. Classes populares.

Positions granted and interdicted for the voices of popular classes in journalistic discourse

Abstract

The article discusses how journalistic discourse values the voices of popular class sources, granting and interdicting certain positions for these subjects. It is based on the understanding that by making themes, events and problems visible, journalism previously establishes roles and places for subjects and social groups. The analysis of a television report from the *Caminhos da Reportagem* program (*TV Brasil*) shows that the journalistic discourse places the voices of popular classes sources in positions of description, lamentation and illustration in detriment to positions of opinion, knowledge and proposition. The results signal the need for a journalism that proposes to be public, independent and democratic, to rethink the ways in which the voices of its sources are valued, denaturalizing places crystallized in the journalistic and social imaginary that only reiterate the *status quo*.

Key words: Journalism. Voices. Popular classes.

Dentre as diversas finalidades atribuídas ao jornalismo¹, visibilizar as diferenças é uma das que exige mais reflexão crítica e atitude empática. Veículos e jornalistas que se lançam a narrar a pluralidade social visibilizam sujeitos de classes populares a partir de lugares determinados previamente, ou seja, estereotipados². Assim, há modos de valoração das vozes das fontes no discurso jornalístico que naturalizam posições relativas ao “lugar de cada sujeito”. Partindo desses pressupostos, buscamos compreender como o discurso jornalístico valora as vozes das fontes de classes populares, concedendo e interditando determinadas posições para esses sujeitos. Para tanto, nos ancoramos na perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso de tradição francesa, em que reconhecemos o jornalismo como um lugar de circulação e produção de sentidos (BENETTI, 2006).

As classes sociais são constituídas não apenas pelos seus recursos materiais, mas pelas suas vivências e trajetórias numa dada sociedade desigual e num dado momento histórico (BOURDIEU, 2007). É justamente pelo ciclo do tempo que se desenrola uma contínua transferência de códigos e valores imateriais que possibilita a reprodução sociocultural silenciosa e praticamente inquestionável de cada classe social (SOUZA, 2009). Nas lutas contemporâneas por representatividade e reconhecimento, raça, gênero, sexualidade, geração, etnia, localização no globo (ou mesmo a região em um país determinado) ou algum tipo de deficiência física se cruzam e convergem com a classe social dos sujeitos. São determinantes que também atuam “[...] na construção da posição social dos diferentes grupos de pessoas, contribuindo para produzir as suas alternativas e os obstáculos que se colocam para sua participação na sociedade” (BIROLI; MIGUEL, 2015, p. 29) e tornam os sistemas classificatórios (HALL, 1997) ainda mais profundos e complexos.

Partindo dessa compreensão mais ampla de classe social, nesta pesquisa (que é um recorte de uma pesquisa de tese em andamento) entendemos por classes populares, ancorados ainda em Bourdieu (2007), as vivências de sujeitos que congregam uma série de traços comuns como humildade, aquiescência, bem como, muitas vezes, um sentimento de incompetência. Para o autor, existe um conformismo lógico, um “sentimento do seu lugar” que representa um ajuste da personalidade dos agentes às condições objetivas e às chances reais de cada grupo social. Sobretudo entre as classes populares, a pobreza “[...] implica uma forma de adaptação à necessidade, de aceitação do necessário e de resignação ao inevitável” (BOURDIEU, 2007, p. 350).

O artigo está assim estruturado: a) Tensionamento sobre alguns dos principais elementos que particularizam o discurso jornalístico e a distinção conceitual entre fontes³ (sujeitos) e vozes (discurso do sujeito expresso em diversas posições-sujeito); b) Reflexão acerca dos processos mais comuns de valoração das vozes das fontes de informação; c) Análise de uma reportagem televisiva e identificação das posições-sujeito concedidas e interditadas para os sujeitos de classes populares; d) Considerações finais e apontamento da necessidade de o discurso jornalístico repensar os modos como valora as vozes de suas fontes.

Quem são os sujeitos do discurso jornalístico?

Em meio aos mais variados discursos sociais, o discurso jornalístico destaca-se com lugar privilegiado na construção discursiva acerca da realidade social. Historicamente, esse discurso vem cristalizando imaginários e ancorando-se em valores socialmente reconhecidos como necessários para a exposição e validação daquilo que é dito pelos sujeitos. Tendo uma forte vontade de verdade (FOUCAULT, 1971) em suas finalidades como instituição e prática social, o jornalismo se enuncia como atividade autorizada a construir sentidos sobre fatos, questões e temas diversos. Trata-se de um campo discursivo singular em que se cruzam diferentes práticas de dizibilidade e visibilidade, assim como variados sujeitos. Esses, no entanto, nem sempre colocados em posição de igualdade. Quem efetivamente fala nesse discurso?

¹Reginato (2019) construiu uma proposta de que o jornalismo tem 12 finalidades a cumprir, dentre elas, destacamos a de esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade, a qual tem íntima relação com esta pesquisa.

²Não é objetivo neste artigo discutir estereótipo, entretanto, convém explicitar que compreendemos os estereótipos como imagens que os sujeitos criam sobre o que desconhecem, são representações, formas de percepção que precedem a evidência com uso de ideias preconcebidas culturalmente (LIPPMANN, 2008, p. 83-95).

³Embora reconheçamos que as fontes de informação jornalística vão muito além dos sujeitos que são entrevistados, abrangendo diversos recursos, tais como documentos, pesquisas, livros, informações de assessorias de imprensa etc., nesta pesquisa estamos considerando especificamente as fontes humanas (sujeitos)

De que forma? E, ainda, em que circunstâncias? Antes de refletir sobre os sujeitos (vozes) é necessário destacar algumas características do discurso jornalístico.

Inscrito no domínio do referente, o discurso jornalístico, seja factual ou temporalmente mais alargado, conserva a pretensão de desambiguar o mundo (MARIANI, 1998), organizando e ordenando os acontecimentos do cotidiano, como também evidenciando a existência de apreciações, explicações e julgamentos acerca de uma dada questão, situação, temática ou acontecimento. Em grande parte dos discursos jornalísticos encontram-se dizeres autorizados, especializados e anônimos, os quais são encaixados uns nos outros de maneira lógica e com determinados propósitos narrativos. Uma vez que o jornalismo articula dizeres de várias ordens e lugares sociais, ganha força o imaginário social de que seu discurso resguardaria uma orientação – quase que vocacional – para a pluralidade social, cristalizando, assim, a percepção de que tal atividade estaria sempre voltada para o chamado bem comum. Entretanto, como veremos mais adiante, a polifonia (multiplicidade de pontos de vista) desejada e enunciada pelo jornalismo nem sempre consegue se efetivar em seu fazer.

O discurso jornalístico, assim como outros gêneros discursivos, é fundamentalmente cooperativo e regido por normas de uma relação contratual. De acordo com Maingueneau (2001), todo gênero do discurso exige daqueles que dele participam que aceitem certas regras mutuamente conhecidas e as sanções antevistas para quem as transgredir. O contrato, é claro, não é explicitado, colocado formalmente. Mesmo assim, ele funciona simbolicamente organizando o fluxo dos sentidos e situando as vozes dos sujeitos em determinados lugares sociais. Da mesma forma que há um imaginário acerca do lugar social do jornalismo e de seus profissionais, formações imaginárias sobre as fontes de informação e também sobre os sujeitos receptores (leitores, telespectadores ou ouvintes) também são acionadas na construção do discurso jornalístico. Esse contrato, sempre dinâmico e relacional, é dependente da situação de comunicação, isto é, das condições específicas da troca entre os sujeitos (CHARAUDEAU, 2006).

Existe uma exterioridade constitutiva do discurso jornalístico que é anterior ao produto noticioso. Dela fazem parte o imaginário, a ideologia, a cultura, elementos que ancoram as perspectivas de enunciação das notícias, reportagens e demais materiais produzidos e veiculados pelo jornalismo. Além disso, o discurso jornalístico jamais existe por si mesmo, mas sempre num espaço entre sujeitos. Tal assertiva indica a irreversível presença da intersubjetividade e a compreensão de que este discurso não contém uma verdade intrínseca ou literalidade, já que “[...] depende dos sujeitos para existir, isso significa que é produzido por esses sujeitos – não apenas pelo autor da fala ou enunciador, mas também pelo sujeito que lê o discurso” (BENETTI, 2006, p. 6). Uma vez sendo constituído pela interação entre sujeitos, o discurso jornalístico é fundamentalmente dialógico, mas não necessariamente polifônico. O que evidencia a polifonia é a multiplicidade de pontos de vista (BAKHTIN, 2008). Benetti (2006) exemplifica esse processo ao mencionar uma possível reportagem que ouve quatro fontes. Apesar de tal matéria congrega cinco locutores (o jornalista e as fontes), as perspectivas de enunciação das quatro fontes e a do jornalista podem estar assentadas numa mesma perspectiva, inscritas em uma única posição de sujeito, apenas complementando-se umas às outras. “Teríamos, assim, um texto aparentemente polifônico, pois claramente constituído por cinco vozes diferentes, que, na verdade, é monofônico, pois é constituído por um único enunciador” (BENETTI, 2006, p. 9).

Não sendo necessariamente polifônico, o discurso jornalístico pode, em muitas situações, transvestir-se de plural, mas, em seu interior, incorporar apenas uma perspectiva de enunciação (uma única voz). Compreender “quem fala”, “como fala” e “em que circunstâncias fala” no discurso jornalístico exige essa distinção conceitual de fontes e vozes. Sem essa ponderação, a polifonia do discurso jornalístico fica suscetível a ser entendida de maneira um tanto simplória, reduzida à mera “diversidade empírica de sujeitos-fonte”.

No jornalismo, a polifonia nem sempre é alcançada a partir da representação de fontes com diferentes identidades e características culturais, sociais, geográficas

e econômicas, tendo em vista que em determinadas situações sujeitos distintos podem enunciar com base num único ponto de vista, reforçando, assim, um discurso monofônico. Por isso, acreditamos que a diversidade de “fontes humanas (sujeitos empíricos) está diretamente associada as dimensões éticas e democráticas do jornalismo. Trazer diferentes tipos de fonte – sem relegar marcadores identitários como classe, raça e gênero – é reconhecer a importância da diversidade social nas produções jornalísticas” (WINCH, 2018, p. 5).

A identificação das vozes do discurso jornalístico requer uma reflexão acerca das posições-sujeito ocupadas pelos mais diversos sujeitos, o que inclui as fontes e os próprios jornalistas. Apesar de este posicionamento não ser transparente, isto é, evidente ao sujeito, por conta da própria ilusão de transparência da linguagem, ele ocorre o tempo todo. Ao se posicionar para enunciar e interpretar, jornalistas e fontes, sujeitos que constituem o discurso jornalístico, não possuem uma consciência plena dos mecanismos de interpelação intrínsecos à construção de sentidos. Têm se aí os esquecimentos discursivos presentes em todos os dizeres, em que, conforme Pêcheux (1995), os sujeitos apagam a compreensão de que eles não são a origem de seus dizeres, bem como o entendimento de que o que dizem é, na verdade, resultado de escolhas estratégicas de enunciação.

O fenômeno da polifonia relaciona-se aos posicionamentos dos sujeitos em tomadas de posições e afirmação de pontos de vista. Partindo do princípio do dialogismo, Bakhtin (2003, p. 348) nos lembra que “a vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc.”. O autor compreende que a polifonia representa a abertura para o convívio de sujeitos distintos, permitindo que eles se façam presentes em um mesmo discurso, sem serem reduzidas a uma única voz dominante. Por isso, faz-se necessário reforçar a distinção conceitual entre fontes e vozes, agora tratadas como ‘sujeito’ e ‘posições-sujeito’. Primeiramente, no plano social da vida cotidiana e da realidade material, temos o sujeito: um ser demarcado por seu nome, idade/geração, origem/história, classe social, raça/etnia, sexualidade, entre tantas outras características e variáveis possíveis. No contexto do campo jornalístico, podemos pensar, por exemplo, no sujeito jornalista, no sujeito fonte e no sujeito público-receptor.

Quando imersos na prática discursiva, todo sujeito se desdobra em posições-sujeito⁴. Nesse processo complexo e inerente à constituição da linguagem, uma mesma fonte de informação pode trazer, em seus dizeres, diferentes e, por vezes, até conflitantes posições-sujeito. As fontes, por outro lado, podem vir a representar apenas uma posição-sujeito (voz), somente uma perspectiva de enunciação, reforçando o caráter monofônico de uma dada construção discursiva.

As vozes, portanto, são as posições-sujeito, os lugares ocupados no discurso que indicam determinado ponto de vista e modo de expressar-se. Tais vozes estão relacionadas às condições objetivas da identidade dos sujeitos, mas extrapolam essa dimensão material uma vez que todo discurso mobiliza a intersubjetividade dos seres humanos.

A valoração das vozes das fontes

O jornalismo tem como uma de suas principais operações discursivas o encaixe de um dito em outro, ação vinculada aos processos de seleção, edição e narração. Charaudeau explica que, na maior parte do tempo, o locutor-relator (jornalista), opera, de maneira consciente ou não, transformações no dito de origem, isto é, na declaração de uma fonte, e que “essas transformações revelam um certo posicionamento do locutor-relator, quer sejam voluntárias ou não” (CHARAUDEAU, 2006, p. 172). Muitas vezes, as intervenções que o jornalista realiza no dito das fontes são reveladoras de seu próprio ponto de vista sobre a declaração de origem e, conforme o autor, representam um problema para instância midiática quando se existe uma “consciência” desse tipo de ação. Pela nossa perspectiva discursiva, vale lembrar, todos os sujeitos, incluindo jornalistas, são interpelados como sujeitos: são assujeitados⁵ e não possuem total domínio (consciência) dos seus dizeres e da

⁴O conceito de posição-sujeito está entrelaçado com outras duas noções: lugar social e lugar discursivo. O primeiro é “habitado” pelo sujeito empírico, o segundo é preenchido pelo sujeito do discurso. Apesar disso, os dois lugares se constituem mutuamente (GRIGOLETTO, 2005).

⁵Ferreira (2001, s/p) conceitua assujeitamento como “movimento de interpelação dos indivíduos por uma ideologia, condição necessária para que o indivíduo torne-se sujeito do seu discurso ao, livremente, submeter-se às condições de produção impostas pela ordem superior estabelecida, embora tenha a ilusão de autonomia [...]”.

interpretação dos ditos do outro. Isso, no entanto, não invalida a importância de os profissionais do campo refletirem e repensarem os modos de interpelação, valoração e recorte das vozes das fontes.

Reconhecendo o discurso jornalístico como um discurso relatado, um “discurso sobre”, Charaudeau (2006) evidencia as valorações que os veículos e jornalistas fazem das vozes, materializadas em declarações, opiniões, impressões, enfim, dizeres das fontes de informação. Os efeitos valorativos sublinhados pelo autor são: efeito de decisão, efeito de saber, efeito de opinião e efeito de testemunho. No efeito de decisão, tem-se a palavra performativa, onde o dizer é, ao mesmo tempo, a realização de uma ação (uma decisão relatada). No efeito de saber, enfatiza-se uma posição de autoridade pelo saber, em que o dizer vem acompanhado de uma explicação sobre o como e o porquê de um acontecimento ou situação. Já o efeito de opinião se refere ao dizer que expressa um julgamento ou apreciação dos fatos, isto é, uma avaliação sobre determinado tópico. Por fim, o efeito de testemunho diz respeito a “declaração que emana de um locutor que se contenta em descrever o que viu ou ouviu a respeito de um certo fato” (CHARAUDEAU, 2006 p. 169), sendo, assim, um dizer de cunho testemunhal.

Ao versar sobre as fontes do tipo “pessoas comuns” ou ainda “cidadãos”, sujeitos que, a princípio, estariam fora das esferas de decisão, poder e saber, esse mesmo autor destaca que elas aparecem nos produtos jornalísticos, sobretudo, sob duas figuras: vítima/reivindicador e/ou testemunha (CHARAUDEAU, 2006). A primeira figura se expressa quando o sujeito se torna interessante pelo seu sofrimento, se é vítima de uma injustiça social ou de uma desgraça do destino. A figura da testemunha, ainda mais ausente, funciona como um álibi para os veículos autenticarem os fatos em pauta. Nesse sentido, podemos pensar nos dizeres expressados pelas fontes de classes populares, sujeitos historicamente excluídos de determinados lugares sociais e do próprio discurso jornalístico. Além disso, “vê-se que o acesso às mídias não é uma coisa simples, e que elas têm um domínio real sobre a escolha dos atores. A representação da simbólica democrática tem suas próprias exigências, que devem ser satisfeitas” (CHARAUDEAU, 2006, p. 196).

Como verifica Amaral (2015), o discurso jornalístico estipula posições a serem ocupadas pelos mais diferentes sujeitos ao longo de sua construção discursiva, em que as fontes de informação constituem-se em locutores que ocupam determinadas posições já delimitadas pelo campo. Nessa lógica de delimitação de papéis, “difícilmente uma matéria vai dar a palavra para que uma fonte testemunhal mostre uma opinião contundente e crítica sobre o fato ou poder de decisão sobre o acontecido” (AMARAL, 2015, p. 50). Contudo, as fontes de informação também projetam posições para ocupar no discurso jornalístico, considerando as imagens que possuem acerca do seu lugar social, mas como qualquer sujeito, elas não possuem total consciência e controle do que dizem. “Ao serem convocadas pelos jornalistas, elas acionam ainda formações imaginárias e colocam em ação os lugares sociais que ocupam, bem como a posição do jornalista e do veículo” (AMARAL, 2013, p. 189).

Pensando também a partir da linguagem, sob a perspectiva narrativa, Motta (2013, p. 127-130), explica que todo texto jornalístico obedece a um “projeto dramático de construção de realidade”, isto é, a um modo de organização e argumentação da narrativa com o objetivo de “induzir seu interlocutor a interpretar os fenômenos relatados conforme a sua intenção”. Para tanto, acionam-se personagens, “jogos de poder, estratégias, astúcias, hierarquias [...] permanentes negociações discursivas”. O discurso jornalístico pensado enquanto narrativa, ordena, de forma preliminar, nossas experiências, acontecimentos, temas e problemáticas, circunscrevendo-os em enredos prefigurados com “personagens” bem localizados.

No jornalismo como um todo, mas especialmente nas produções televisivas, a roteirização constitui estratégia definidora da encenação, com a pré-definição dos lugares, falas e funções, bem como a arquitetura de vozes das produções. De acordo com Lage (2016, p. 97), “a roteirização constitui estratégia definidora da encenação jornalística, o que se releva um problema decisivo ao potencial político dos testemunhos do sofrimento”. Aliás, a definição prévia dos papéis e falas das fontes, logo, de

suas vozes, pode ocorrer já no momento da seleção da pauta e dos “personagens” e “cases” que irão ilustrar a narrativa. Nessa lógica de papéis imaginados e atribuídos, o sujeito se desdobra em:

[...] dois papéis de bases diferentes: papel de sujeito que produz um ato de linguagem e o coloca em cena, imaginando como poderia ser a reação de seu interlocutor, e papel do sujeito que recebe e deve interpretar um ato de linguagem em função do que ele pensa a respeito do sujeito que produziu esse ato (CHARAUDEAU, 2004, p. 458).

Ao discutir a representação dos testemunhos de catástrofes ambientais nas principais revistas semanais de informação, Amaral (2013) verifica que esses sujeitos, em muitos casos membros de classes populares, têm posições interditas no discurso jornalístico. Dizeres que exprimem explicações, contextualizações, proposições, revolta, resistência ou oposição não seriam comuns entre os testemunhos. Conforme a autora, essas fontes teriam uma função mais restrita na construção de sentidos operada pelo jornalismo, sendo mais utilizados para demonstrar um fato ou situação e ser uma prova cabal acerca dos fatos, visto que, em tese, eles relatariam apenas o que viram, ouviram ou sentiram. “O discurso jornalístico privilegia, na fala das fontes testemunhais, trechos em que aparecem verbos como sentir, desistir, sumir, chorar ou sobreviver (AMARAL, 2013, p. 79).

Os modos de valoração das vozes das fontes no discurso jornalístico não podem ser apreendidos e explicados apenas considerando-se o trabalho “individual” dos jornalistas, as mídias e seus perfis editoriais e condutas profissionais, uma vez que os processos de seleção, apuração, edição e narração no jornalismo não se dão de modo alheio ao imaginário e aos valores sociais inscritos em nossa cultura. Logo, as vozes visibilizadas e amplificadas por esse discurso (posições-sujeito), extrapolam conformações midiáticas, ecoando, antes de tudo, na própria sociedade. As próprias fontes, antes de tudo, sujeitos de uma dada sociedade, projetam suas falas a partir dos lugares que julgam naturais para ocupar.

Para elucidar essa valoração das vozes das fontes no discurso jornalístico, apresentamos a seguir uma breve análise das posições-sujeito delimitadas para os dizeres dos sujeitos de classes populares em uma reportagem sobre a pobreza exibida pelo programa *Caminhos da Reportagem*⁶. Tal reportagem foi selecionada ser de um programa vinculado em uma TV pública, que se propõe independente e democrática e visa “complementar e ampliar a oferta de conteúdos, oferecendo uma programação de natureza informativa, cultural, artística, científica e formadora da cidadania” (TV BRASIL, 2020, online). Também porque seria mais relevante analisar uma reportagem que trouxesse sujeitos de classes populares em situação de protagonismo, isto é, com maior destaque no discurso jornalístico. A maioria dos entrevistados da reportagem é composta por fontes de classes populares. Em escala menor, outras fontes são acionadas pela matéria, sobretudo, especialistas em desigualdade social brasileira. A reportagem percorre o semiárido nordestino e favelas de grandes cidades do país, evidenciando como a pobreza se manifesta em níveis e espaços diversos, como a habitação, alimentação, educação, segurança e saúde.

Sobre a escolha em analisar o discurso jornalístico na TV, concordamos com Coutinho (2009), de que existe um ordenamento do mundo via telejornalismo que, em formato audiovisual (por meio de textos, sons e imagens), incorpora produção e apropriação de sentidos, bem como consolidação de identidades em constante negociação com o público, abrangendo desde aspectos técnicos e estéticos até diretrizes relativas à política editorial da emissora responsável pela produção e veiculação do telejornal. Ademais, “esse papel político, ordenador, do discurso televisivo ganha especial relevo em sociedades como a brasileira, que não teria experimentado a cultura do letramento, tendo passado da cultura oral à audiovisual” (COUTINHO, 2009, p. 106).

⁶Programa veiculado semanalmente na TV Brasil (administrada pela Empresa Brasil de Comunicação – EBC), aos domingos, às 20h. Para o programa, “jornalistas viajam pelo país e pelo mundo atrás de grandes histórias, trazendo ao telespectador uma visão diferente, instigante e complexa de cada um dos assuntos escolhidos” (TV BRASIL, 2020, online).

Posições concedidas e interditas para as fontes de classes populares

Após discutir sobre a constituição do sujeito e os modos de valoração das vozes das fontes no discurso jornalístico, apresentamos a análise das vozes de uma reportagem televisiva sobre a pobreza no Brasil. Metodologicamente, adotamos a Análise de Discurso de base francesa (AD). Antes de apresentar a análise, reforçamos o entendimento de que as posições-sujeito devem ser compreendidas como vozes, ocupações de lugares no discurso jornalístico, espaços muitas vezes naturalizados pelos sujeitos que participam da construção de sentidos.

Apesar de possuírem singularidades, as posições-sujeito mapeadas não se invalidam entre si. Pelo contrário, podem se cruzar e compartilhar elementos comuns, algo próprio da interdiscursividade inerente a todo discurso. As posições foram sistematizadas com base no referencial teórico da AD e após a leitura crítica da reportagem, mapeando regularidades discursivas, isto é, paráfrases (ORLANDI, 2005) e pontos de vista expressos pelas fontes de classes populares. Abaixo, uma síntese de cada uma dessas posições-sujeito:

- a) **Descrição (P.S-D)**: posição em que o sujeito descreve verbalmente uma situação, acontecimento ou experiência, narrando e identificando fatos, instituições e outros sujeitos;
- b) **Ilustração (P.S-I)**: posição que também possui uma dimensão descritivo-verbal, no entanto, singulariza-se pela força da dimensão visual na qual o sujeito realiza ou simula ações e comportamentos ao mesmo tempo em que narra a própria ação;
- c) **Lamentação (P.S-L)**: posição na qual o sujeito expressa algum sofrimento ou angústia, lastimando sobre suas condições de vida e obstáculos ao exercício da cidadania;
- d) **Opinião (P.S-O)**: posição em que os dizeres do sujeito julgam e apreciam outros sujeitos, práticas, acontecimentos e instituições, expressando um ponto de vista sobre a realidade;
- e) **Saber (P.S-S)**: posição que destaca o conhecimento e os saberes de um sujeito que explica, critica, pondera e avalia fatos e cenários apontando suas possíveis causas e consequências;
- f) **Proposição (P.S-P)**: posição pela qual os sujeitos enunciam ideias a partir de enunciados sugestivos e críticos que evidenciam desejo de mudança e a responsabilidade de outros sujeitos e instituições.

⁷Tal divisão é inspirada nos modelos apresentados por Rose (2011) e Gadret (2016), com adaptações que obedecem as finalidades da presente pesquisa.

⁸Os sons podem ser divididos em: 1) som *diegético*: sonoridades captadas no ambiente filmado (diálogo entre personagens, ruído do local da filmagem, p.ex.); 2) som *não-diegético*: sonoridades acopladas à gravação (narração, música de fundo, entre outros).

⁹Conforme Gadret (2016, p. 88-89), **cabeça** é a introdução do tema realizada pelos apresentadores/âncoras em estúdio; o **pé ou nota-pé** também é lido no estúdio pelos apresentadores ao encerrar a reportagem com informações complementares; **os offs** são textos gravados pelos repórteres, sobrepostos na edição por imagens relacionadas às informações verbais; a **passagem** é a presença do repórter em vídeo, conectando os elementos da reportagem; as **sonoras** são os excertos de entrevistas realizadas com as fontes, que chegam à edição final da reportagem.

Essas posições-sujeito estão dispersas em 89 sequências discursivas (SDs) pertencentes às fontes de classes populares. Nesse conjunto total de SDs, localizamos 147 ocorrências distribuídas entre as seis já referidas posições-sujeito. Por se tratar de um discurso com certas especificidades técnicas e estéticas (telejornalismo), cada SD possui duas dimensões: audiovisual e verbal⁷. Na *dimensão audiovisual* estão incluídas as imagens, os planos de gravação, os recursos visuais (gráficos, textos, fotos, p. ex.), os efeitos sonoros⁸ e a edição. Apesar de também constituírem-se como “sons”, neste artigo, cabeças, notas-pé, offs, passagens e sonoras⁹ fazem parte da *dimensão verbal* das reportagens. Ainda nessa dimensão, estão assinaladas as posições-sujeito identificadas em cada SD. As duas dimensões foram estabelecidas de acordo com os fins deste estudo, o que não elimina o entendimento de que a construção de sentidos se desenrola na articulação complexa dos elementos audiovisuais e verbais.

Destacamos que uma sequência discursiva pode conter diferentes posições-sujeito, algo possibilitado pela própria interdiscursividade dos discursos. Cada momento da reportagem é alocado em uma SD. Contudo, aqui se analisa apenas as SDs relativas aos dizeres (sonoras) das fontes de classes populares, ou seja, os dizeres da jornalista e das demais fontes não são analisados em termos de suas posições-sujeito.

Como já supracitado, a matéria do *Caminhos da Reportagem* foi veiculada em janeiro de 2012, tendo duração de 53 min. e 41 seg. A seguir, apresentamos a quantidade de SD's de cada posição-sujeito mapeadas na reportagem (Tabela 1).

Tabela 1 - Posições-sujeito - Programa *Caminhos da Reportagem*

Posição-sujeito	Total de SD's	%
Descrição (P.S-D)	65	44,21
Lamentação (P.S-L)	36	24,50
Ilustração (P.S-I)	25	17,00
Opinião (P.S-O)	13	8,84
Saber (P.S-S)	5	3,40
Proposição (P.S-P)	3	2,04

Fonte: Autores

A partir daqui explicitamos algumas SD's representativas das posições-sujeito (vozes) analisadas referentes às manifestações das fontes de classes populares. A ordem da apresentação se baseia na quantidade de ocorrências de cada P.S na reportagem. Além disso, como já frisado, uma mesma SD pode remeter a mais de uma posição-sujeito, por isso, na demonstração dos exemplos destacamos com **negrito** as marcas discursivas referentes à posição em evidência. A sigla da posição-sujeito em observação é realçada com sublinhado.

Largamente predominante na reportagem, a **Posição-sujeito Descrição (P.S-D)** é marcada por dizeres que descrevem situações, atividades, cenários e acontecimentos, muitas vezes, conferindo detalhes importantes para a compreensão do assunto. A partir dessa posição, as fontes de classes populares relatam aspectos comuns em suas rotinas, evidenciando como é viver num quadro de constante ausência de recursos materiais básicos. Tal posição surge, em vários momentos, entrelaçada com outras posições, especialmente a Posição-sujeito Lamentação (P.S-L) e a Posição-sujeito Ilustração (P.S-I).

Nessa P.S-D as fontes falam especialmente a partir de suas vivências, trazendo seus testemunhos acerca de uma determinada realidade. No caso em questão, a realidade dos sujeitos pobres. Por isso, as vozes descrevem, sobretudo, suas experiências no trabalho e no cotidiano familiar. Apesar de se constituir majoritariamente a partir da dimensão verbal (dizeres dos sujeitos) também pode ser realçada pela dimensão audiovisual, especialmente quando o enquadramento da câmera privilegia cenários e objetos descritos pelas fontes (planos médio e geral), enfatizando, assim, informações contextuais que auxiliam a descrição realizada pelos sujeitos.

A SD16 exemplifica tal posição (Tabela 2). Nela, o pescador Virginio Costa responde a pergunta da repórter sobre o medo e a insegurança em morar em uma área de risco. Enquanto sua fala descreve ações, imagens mostram a precariedade da casa e seu entorno.

Tabela 2 - Posição-sujeito Descrição (P.S-D) - Programa *Caminhos da Reportagem*

SD	Dimensão audiovisual	Dimensão verbal
16		(Sonora – Virginio Costa, pescador) A gente tem, mas o que é que vai fazer? A gente remenda, mete madeira, compra madeira, vai metendo, pregando. P.S-D P.S-L

Fonte: Autores

A **Posição-Sujeito Lamentação (P.S-L)**, segunda mais observada na reportagem, enfatiza as dificuldades, angústias, dores e sofrimentos diversos que constituem a vida dos sujeitos em situação de pobreza. Tal posição, várias vezes, é reforçada na dimensão audiovisual do discurso a partir do *zoom* da câmera que focaliza momentos de tristeza das fontes. Assim, a P.S-L é reafirmada pelo enquadramento da câmera, visto que o *close* aumenta e prolonga a exposição do estado emocional dos sujeitos

Tabela 3 - Posição-sujeito Lamentação (P.S-L) - Programa *Caminhos da Reportagem*

SD	Dimensão audiovisual	Dimensão verbal
156		(Sonora - Cláudia Moraes Ramos, catadora de lixo) Aí meus filhos tudo cobra dele, entendeu? Até meu filho caçula fala: ó mãe meu pai não me dá nada. Meu pai não traz nada pra senhora. Não vem aqui. Nem aqui ele vem visitar como é que ele tá, o pequeno, né, ver os filhos como que tá. P.S-L P.S-D

Fonte: Autores

Essa posição é percebida ao longo de quase todos os dizeres das fontes de classes populares, estando bastante imbrincada na Posição-sujeito Descrição (P.S-D), tendo em vista que ao descrever, os sujeitos também acabam por lamentar aspectos diversos de suas vidas. Entre as principais lamentações estão: ausência de comida suficiente para se manter bem nutrido, precariedade das moradias, baixa remuneração, ausência de assistência médica, etc.

Já a **Posição-sujeito Ilustração (P.S-I)**, terceira mais verificada, torna visível atividades e processos a partir da sua realização ou simulação pelos sujeitos. Nessa posição, torna-se possível olhar para as fontes de classes populares como “personagens” que desempenham determinados papéis na construção discursiva da reportagem. Trata-se de uma posição marcada pela dimensão audiovisual, já que as imagens explicitam as ações das fontes.

A SD87 traz a cena em que uma das fontes fala ao telefone sobre o seu trabalho. Por sua vez, em SD167, um dos catadores de lixo mostra como transformar uma garrafa pet em copo para beber o café durante o trabalho na madrugada. Nesses exemplos, os planos e ângulos de gravação acompanham as ações desempenhadas pelos sujeitos, enquanto os sons, o silêncio enquanto Edilson fala ao telefone e o barulho da garrafa sendo cortada, realçam as cenas apresentadas (Tabela 4).

Tabela 4 - Posição-sujeito Ilustração (P.S-I) - Programa *Caminhos da Reportagem*

SD	Dimensão audiovisual	Dimensão verbal
87		(Sonora – Edilson Alves dos Santos, trabalhador autônomo) E aí, vai ter gado hoje. Umas nove horas tô aparecendo por lá, viu? P.S-I
167		(Sonora – sujeito catador de lixo não creditado) É o copo pra tomar café! P.S-I

Fonte: Autores

Menos observada que as posições anteriores, a **Posição-sujeito Opinião (P.S-O)** expressa apreciações e julgamentos das fontes de classes populares. Nessa posição, os sujeitos fazem avaliações acerca de situações e acontecimentos que os envolvem diretamente. Isso pode ser visto na SD184, em que uma das fontes expõe sua percepção sobre como está a segurança na favela em que mora após a ocupação da polícia militar (Tabela 5). Os planos de gravação, sobretudo, médio e close, enfatizam a opinião dada pelos sujeitos e destacam suas expressões faciais.

Tabela 5 - Posição-sujeito Opinião (P.S-O) - Programa *Caminhos da Reportagem*

SD	Dimensão audiovisual	Dimensão verbal
184		(Sonora - Márcio Martins, segurança) Agora ficou muito melhor porque não tem drogas, não tem traficante, a gente pode viver tranquilo, dormir tranquilo , os nossos filhos podem subir e descer sem problema de tiroteio nem nada. P.S-O

Fonte: Autores

Ainda menos presente na reportagem, a **Posição-sujeito Saber (P.S-S)** traz dizeres que evidenciam o conhecimento e os saberes dos sujeitos. Não desconsideramos a possibilidade de os sujeitos trazerem diferentes saberes quando circunscrevem suas vozes nas posições-sujeitos anteriormente discutidas. No entanto, na P.S-S, o conhecimento aparece de um modo um pouco mais articulado e destacado. Nessa posição os sujeitos explicam, criticam, ponderam e analisam os fatos relacionados às suas condições de vida. Trata-se de uma posição mais frequente nas vozes das fontes especializadas. Contudo, foi possível verificar em algumas sonoras das fontes de classes populares.

Tabela 6 - Posição-sujeito Saber (P.S-S) – Programa *Caminhos da Reportagem*

SD	Dimensão audiovisual	Dimensão verbal
148		<p>(Sonora - Gilberto José de Macedo, presidente da Associação do Quilombo Escondido/PI)</p> <p>Meu pai trabalhou muito. Escravejado aí, fazendo diária, cerca, carregando madeira no ombro. O véio meu tio Casemiro, ele morreu com 102 anos e vinte dias. Ele passou por isso tudo. Porque naquela época os que eram mais velhos eram escravejados dos outros mesmo, agora já nós que já somos mais novos, a gente pegava como escravo por isso... porque a gente nada tinha. Ali a gente ia trabalhar pra um galego desses aí o cabra sofria agora pra ganhar o que? Cabeça de bode, era essas coisas que a gente ganhava, trabalhava pra eles e pra sobreviver comia essas coisas. É poucos negros fazendeiros. Sempre fazendeiro mesmo é os brancos, é quem mais tem as coisas. Agora só que hoje quase todo negro já tem umas coisinhas, mas de primeiro não criava porque não tinha cума. E hoje melhorou um pouquinho.</p> <p>P.S-S P.S-O P.S-D</p>

Fonte: Autores

Na SD148 (Tabela 6), um dos sujeitos apresentados pela reportagem relaciona as dificuldades enfrentadas pela população negra na atualidade com o histórico processo de escravidão no Brasil.

A **Posição-Sujeito Proposição (P.S-P)** é a menos verificada na reportagem. Tal posição abarca sugestões, recomendações, propostas e críticas que evidenciam desejos por mudança ou ainda a responsabilidade de outros sujeitos e instituições diante da situação de pobreza em que as fontes de classes populares se inserem. Além de poucas ocorrências dessa posição, a análise também mostra que os dizeres se dão num plano individual, isto é, os sujeitos manifestam vontade de melhorar de vida, mas não chegam a identificar como outros sujeitos e instituições, como o Estado, poderiam e deveriam participar do enfrentamento dos problemas expostos.

Tabela 7 - Posição-sujeito Proposição (P.S-P) – Programa *Caminhos da Reportagem*

SD	Dimensão audiovisual	Dimensão verbal
101		<p>Sonora – Francisca Alice da Conceição Silva, dona de casa)</p> <p>Agora eu mesmo minha pessoa eu não ganho dinheiro porque eu não tenho como sair pra trabalhar pra fora, porque eu carrego água, eu trabalho na roça, eu cuido dos bichos, eu cuido dos meus filhos, da minha casa, aí eu não tenho como sair para trabalhar pra fora. Aí eu gostaria sim de ter um meio de ter renda, de como ter renda pra ajudar em casa e ter como conseguir uma casa boa, porque minha casa é um pouco ruim.</p> <p>P.S-P P.S-D P.S-L</p>

Fonte: Autores

Nessa SD (Tabela 7), observa-se Francisca, creditada como dona de casa, trazer dizeres que não apenas descrevem e lamentam sobre sua condição social (P.S-D) e (P.S-L), como também propõem mudanças, mesmo que nos limites do plano individual, isto é, enquanto sujeito que anseia por uma renda que garanta para si uma moradia melhor. Nessa P.S-P, predominam os planos médio e *close*, reforçando expressões e falas propositivas.

De modo geral, a análise evidencia um discurso jornalístico que trata a situação das fontes de classes populares num plano majoritariamente individual, com pouco destaque para os processos históricos estruturantes da desigualdade social brasileira. Embora as vozes das outras fontes (especialistas e autoridades) não tenham sido analisadas sistematicamente (o que se pretende em pesquisas futuras) é possível notar que o discurso jornalístico da reportagem constrói uma percepção sobre a pobreza assentando-se, principalmente, nas vozes das fontes de classes populares, ou seja, nas posições-sujeito que elas expressam.

Reconhecer a complexidade em torno da pobreza pressupõe apreendê-la não como imanente aos sujeitos, mas como consequência perversa dos processos históricos de exclusão. Em sua prática discursiva, o jornalismo pode tanto reproduzir sentidos conservadores acerca da pobreza, como também romper com as percepções unidirecionais e naturalistas em torno da problemática.

Tais possibilidades estão relacionadas aos modos como as vozes das classes populares são valoradas no discurso jornalístico. Evidentemente, repensar a arquitetura das vozes das fontes pode exigir um maior tempo de reflexão dos jornalistas e demais envolvidos nos processos de produção, possibilidade distante das lógicas de trabalho e rotinas precárias presente em vários veículos. Porém, mesmo nessas circunstâncias difíceis, é válido e necessário qualquer esforço para praticar a escuta solidária e o olhar dialógico, ações que se opõem aos fazeres tecnicistas e burocráticos que coisificam e fragmentam os fatos e sujeitos narrados (MEDINA, 1996).

Considerações finais

Ao focalizar não apenas acontecimentos, mas também problemáticas socialmente vistas como fatos ordinários e comuns, como a pobreza, o discurso jornalístico

estabelece previamente lugares para as fontes ocuparem, situando-as como personagens que desempenham determinadas funções. As posições ocupadas por esses sujeitos também estão vinculadas aos lugares objetivos que os mesmos ocupam na estrutura social, considerando os capitais que possuem e os campos sociais em que transitam (BOURDIEU, 2007). O posicionamento das vozes, por isso, ainda resulta das percepções que as fontes possuem acerca de seus papéis, lugares e possibilidades de intervenção na realidade social. Tal compreensão, no entanto, não deve anular a necessidade de o jornalismo tratar criticamente as manifestações dos seus sujeitos informantes.

A discussão empreendida também nos leva a reconhecer a emoção como um elemento intrínseco ao discurso jornalístico e que se manifesta das mais diversas formas. O conceito de *pathos* como “discursivizações que funcionam sobre efeitos emocionais com fins estratégicos” (CHARAUDEAU, 2004, p. 372) coloca-se como possibilidade de fuga da histórica dicotomia razão-emoção, que em muitas ocasiões simplifica o debate acerca das finalidades e potencialidades do jornalismo. O engajamento emocional depende, é claro, do compartilhamento de valores e crenças entre os sujeitos ao longo dos processos discursivos.

Assim, como assevera Charaudeau (2006), o discurso jornalístico está constantemente tensionado entre o fazer saber (informar) e o fazer sentir (captar). Logo, torna-se basilar assumir que mesmo a dimensão patêmica acionada pelas vozes das fontes pode, em algumas circunstâncias, trazer um teor discursivo político e crítico para o debate levantado pelo jornalismo. Contudo, é preciso observar e ponderar até que ponto o foco exacerbado e, por vezes, distorcido na dimensão individual e dramática da vida dos sujeitos acaba por naturalizar determinados lugares sociais para as fontes de classes populares.

Outra consideração importante diz respeito ao diálogo estabelecido entre repórter e fonte, visto que o discurso é sempre uma relação intersubjetiva que mobiliza os sujeitos e constrói sentidos. Por isso, é oportuno avaliar o ato da entrevista, observando mais de perto como os jornalistas interpelam e questionam suas fontes¹⁰. Certas perguntas podem estimular determinadas respostas, do mesmo modo que a ausência de algumas questões pode limitar dadas posições. Por fim, cabe apontar que a valoração das vozes das fontes, sejam de classes populares ou não, também resguarda vínculos com os processos de seleção da pauta (definição de “cases” e “personagens”) e edição final. Esse processo complexo de valoração das vozes pode ser repensado e reconfigurado no interior de uma prática jornalística que almeje ser empática em suas tentativas de aproximação do “Outro”.

O discurso jornalístico detém o potencial de não somente visibilizar a pluralidade social, podendo também rever, questionar e romper com posições historicamente naturalizadas para os mais distintos sujeitos e grupos sociais. Conferir protagonismo aos sujeitos excluídos das grandes arenas de decisão integra as expectativas em torno de um jornalismo voltado para a democracia e cidadania. Todavia, é preciso que a visibilidade não se acomode em lugares comuns que apenas reiteram o *status quo*. Outros modos de valoração das vozes das fontes sempre serão possíveis.

¹⁰Nas produções do telejornalismo, como a reportagem analisada, é importante levar em conta também o trabalho dos cinegrafistas que enquadram imageticamente as fontes e contribuem para enfatizar determinadas posições-sujeito.

Referências

AMARAL, Marcia F. Fontes testemunhais, autorizadas e experts na construção jornalística das catástrofes. **Revista Líbero**, v. 18, n. 36, p. 43-54, 2015.

AMARAL, Marcia F. Os testemunhos de catástrofes nas revistas brasileiras: do medo individual à paternização midiática. **Contracampo**, v. 26, p. 71-86, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BENETTI, Marcia. Jornalismo e perspectivas de enunciação: uma abordagem metodológica. **Intexto**, v. 1, n. 14, p. 1-11 janeiro/julho, 2006.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades. **Mediações**, v. 20, n. 2, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. *Pathos*. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (Orgs.) **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 371- 372.

COUTINHO, Iluska. Lógicas de produção do real no telejornal: a incorporação do público como legitimador do conhecimento oferecido nos telenoticiários. In: GOMES, I. M. M. (org.). **Televisão e Realidade**. Salvador: EDUFBA, 2009.

FERREIRA, Maria Cristina L. (Org.). **Glossário de Termos do discurso**. Porto Alegre: UFRGS, 2001. Disponível em <http://www.discurso.ufrgs.br/glossario.html>. Acesso em 20 dez. de 2007.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola. 1971.

GADRET, Débora L. **A emoção na reportagem de televisão: as qualidades estéticas e a organização do enquadramento**. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Porto Alegre: UFRGS, 2016.

GRIGOLETTO, Evandra. **O discurso de divulgação científica: um espaço intercalar**. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre: UFRGS, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 1997.

LAGE, Leandro R. **Testemunhos do sofrimento nas narrativas telejornalísticas: corpos abjetos, falas inaudíveis e as (in)justas medidas do comum**. 2016. Tese (Doutorado em Comunicação). Belo Horizonte: UFMG, 2016.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo, Cortez, 2001.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922- 1989)**. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Ed. Unicamp, 1998.

MEDINA, Cremilda. **Povo & personagem**. Canoas: Ulbra, 1996.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Ed. UnB, 2013.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. Campinas: Pontes, 1995.

REGINATO, Gisele. D. **As finalidades do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2019.

ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2011.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

TV BRASIL, site. **Sobre a TV**. Disponível em <https://tvbrasil.ebc.com.br/sobreatv>. Acesso em 20 jul. 2020.

WINCH, Rafael Rangel. A diversidade de vozes no telejornalismo: um olhar para as conformações econômicas e políticas da televisão. *In*: 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). **Anais**. São Paulo, 2018.